



---

A FRUTA PROIBIDA – (DES) ELOS COM O PARAÍSO  
PERDIDO

\*\*\*

THE FORBIDDEN FRUIT – (DIS) CONNECTION TO THE  
LOST PARADISE

Eliziane Fernanda Navarro<sup>1</sup>  
Elizabeth Sampaio Vieira da Silva<sup>2</sup>  
Olga Maria Castrillon-Mendes<sup>3</sup>

Recebimento do texto: 20/08/2016

Data de aceite: 15/09/2016

We can pretend that we are back in the Garden,  
but that does not Put us there. (D. CARR)

**RESUMO:** Pretende-se neste estudo fazer uma releitura dos poemas “Flores e frutos” de Marina Colasanti e “A manga” de Ana Paula Tavares buscando relações com o mito religioso da criação da civilização ocidental Adão e Eva e sua expulsão do paraíso provocada pela desobediência de ambos. Analisar-se-á também a relação das personagens com o arquétipo símbolo dessa queda, bem como sua manifestação nas culturas das respectivas autoras, cujos poemas fomentam discussões acerca dos enigmas do universo feminino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marina Colasanti; Ana Paula Tavares; Adão e Eva; Bíblia e literatura.

**ABSTRACT:** In this study it is intended to re-read the poems “Flores e frutos” by Marina Colasanti and “A manga” by Ana Paula Tavares seeking relations with the religious creation myth of the Western civilization Adam and Eve and their expulsion from paradise caused by the disobedience of both. We aim to analyse the relation between the archetype symbol of this fall, as well as its manifestation in the author’s cultures, whose poems lead discussions about the feminin universe enigmas.

**KEYWORDS:** Marina Colasanti; Ana Paula Tavares; Adam and Eve; Bible and literature.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: efnavarro4@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: bethsampaio2008@hotmail.com

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós Graduação em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Dr<sup>a</sup> em Teoria e História Literária UNICAMP. E-mail: olgmar007@hotmail.com





## Considerações Iniciais

Incontáveis são os textos que buscam trazer ao homem a lembrança e a nostalgia necessária, seja ela proposital ou não, ao lembrá-lo que, conforme o mito que rege a sociedade ocidental até os dias de hoje, a desobediência, a ânsia pelo conhecimento e o pecado de um casal de humanos, privou a humanidade de viver em harmonia e felicidade perenal em um universo perfeito.

Reza a história sagrada que o casal de afortunados criados por Deus, uma vez inseridos no Éden, não deveriam, de forma alguma, comer a fruta da árvore posta no meio do jardim. Era a única condição para que vivessem ali, alienados do mundo real, portanto, protegidos. Ao ser informada, pela astuta serpente que se tratava aquela árvore, da árvore do conhecimento, àquilo que os rebaixava diante de Deus, Eva não só tomou do seu fruto como deu ao seu marido.

Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E vendo a mulher que aquela arvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e arvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também ao seu marido, e ele comeu com ela (ALMEIDA, 1993, p.5).

Foram-lhes então, abertos seus olhos e a nudez foi só uma das muitas descobertas que fizeram ao serem expulsos do paraíso.

Convém lembrar ainda que, a desobediência e o pecado, neste caso, não estão relacionados ao ato sexual propriamente dito, mas sim a busca humana pelo conhecimento. A esse respeito Carr diz:





---

the word sin never occurs in the story [...] yet sexuality long precedes the eating of the fruit in this story. [...] If we read the text itself, the forbidden fruit is not sex, but wisdom. [...] All of these clues suggest that the central crime in Eden is this: seeking a human knowledge of right and wrong rather than trusting God's simple law, the one prohibition God had given at the beginning, not to eat from the tree of knowledge of good and evil (CARR, 2003, p.45-46).

Nesta perspectiva, o pecado de Eva foi uma rebeldia em face à alienação imposta pelo divino. A mulher então teve na condição de adjutora do homem e primeira pecadora o subterfugio necessário para uma trajetória marcada pela dominação masculina.

Nota-se, ainda, que não há na *Bíblia* referência ao nome da fruta que causou todo esse transtorno à vida do casal, contudo, a humanidade ocidental, geração após geração, legitimou a maçã, cultivada desde milhares de anos, sobretudo na Europa, como a imagem do arquétipo da fruta proibida.

### **A condição feminina: Uma herança do Éden**

A criação da mulher, a partir do homem, legitimou a visão de sua condição de submissão e inferioridade. A esse respeito, Macedo e Amaral assinalam:

O facto de Eva ter sido criada depois e a partir de Adão, por sua vez criado à imagem de Deus, justificou que, durante vinte e cinco séculos, tivesse sido estabelecida como norma a obediência e a submissão da mulher ao homem, bem como a sua inferioridade. A difusão deste relato a partir dos textos judaico-cristãos e os padrões de comportamento a ele associados tornaram-se um ponto-chave das relações homem-mulher na cultura ocidental (MACEDO E AMARAL apud PEREIRA, 2012, p. 8).





---

Subjugada à essa dominação masculina, a mulher teve seu papel condicionado ao espaço privado do lar, onde cumpria seu *destino de mulher*, desempenhando suas funções de mãe, esposa e dona de casa exemplar, alienada moral e socialmente. Essa submissão transcendeu o espaço doméstico, tendo seus reflexos na esfera social, de tal forma que a mulher foi privada durante séculos, de direitos básicos, tais quais: acesso a educação, a participação política, tendo vedado seu direito ao voto, por exemplo, bem como a autonomia sobre si enquanto cidadã.

No cenário literário essa condição também se fez presente, pois, no que compete à história, este foi um território exclusivo dos homens. As mulheres que ousavam escrever ocultavam suas identidades utilizando pseudônimos masculinos para fins de publicação, buscavam assim assegurar seu direito de expressão e proteger seus textos da marginalização a que eram expostos por questões do gênero, uma vez que, apenas aos homens era reconhecido o talento para escrita.

Por conta disso, durante séculos, o universo feminino foi representado na Literatura a partir da percepção *superior* masculina, sendo que, mesmo as primeiras investidas femininas nessa área de produção, acabaram se fazendo meras reproduções do discurso patriarcal imposto socialmente.

Foi a partir do Feminismo, movimento que surgiu na Europa no século XIX, que lutava pela igualdade entre gêneros que as mulheres iniciaram uma nova fase de sua trajetória no campo literário. Assumindo uma postura transgressora lutavam pelo direito de espaço onde pudessem ganhar voz, e assim deixar ecoar seus discursos livres da tradução masculina a que durante tanto tempo foram submetidos.

A inserção da mulher na Literatura enquanto sujeito produtor de seu discurso assinalou uma ruptura com essa condição de submissão e





---

inferioridade. O silenciamento imposto às mulheres foi aos poucos superado, e os ecos dessas vozes passaram a povoar o cenário literário evidenciando aspectos da vida feminina, despercebidos ou ocultados pelo sistema social.

Acerca da escrita de autoria feminina, essa produção ficcional literária assinala uma nova perspectiva de abordagem referente a representação desse sujeito, contribuindo para a desconstrução do estereotipo do gênero vigente no imaginário social de culturas distintas e uma outra percepção desse universo.

A mulher finalmente conquista seu espaço e ganha voz. Há um questionamento e uma busca pela compreensão de seu papel social, aliada à tentativa da construção de uma identidade própria.

Nesse sentido Bonnicci afirma que:

Personagens femininas tradicionalmente construídas como submissas, dependentes economicamente e psicologicamente do homem, reduplicando o estereótipo patriarcal, passam, paulatinamente, a ser engendradas como sendo conscientes de sua condição de inferioridade e como capazes de empreender mudanças em relação a esse estado de objetificação. Ou, de outro lado, passam a ser inseridas em contextos que, de alguma forma, trazem à baila discussões acerca dessa problemática (BONNICCI, 2005, p. 185).

Por meio da Literatura essas mulheres incitam a discussão da sua condição, desvelam os conflitos, as angústias que permeiam o imaginário feminino, retiram o véu protetor que mascara a situação de alienação em que estavam imersas, derrubam os muros que oprimiam, reprimiam e limitavam essa mulher enquanto sujeito.





---

### ***Flores e Frutos e A manga: Um despertar para o “Pecado”***

O segmento, da escrita de autoria feminina, tem como uma de suas principais representantes a autora Marina Colasanti, nascida em 1937 em Asmara na Etiópia, instalou-se no Brasil em 1948. Casada, mãe de duas filhas, Marina sinalizou no poema objeto desta análise o caleidoscópio do universo feminino adentrando nos labirintos deste.

A autora dá voz ao sujeito feminino para que este possa expressar suas impressões acerca de si mesmo num processo de autoconhecimento revelador que só cabe a quem, tendo consciência da sua condição histórica, e vencidos os obstáculos que a mantinham oprimidas, agora toma posse de um discurso autônomo que abrange o socialmente inconfessável.

Em relação à autora, Nelly Novaes Coelho em seu *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras* publicado em 2002, salienta que:

[...] empenhada em “radiografar” as lutas ou relações conflituosas da mulher na sociedade atual (sem nunca radicalizar), seus escritos (realistas, mas sempre otimistas) mostram os novos espaços que estão sendo conquistados pelo “segundo sexo” (COELHO, 2002, p. 471).

Colasanti ao nomear seu poema como *Frutos e flores* denota desinteresse a convenção social de que a fruta que levou a humanidade à perdição é a maçã, como se o pecado não fosse proveniente de um só fruto e o prazer consequente dele, neste caso as flores, também não fosse único.

O título de seu poema é lembrado pelo português Nuno Júdice que em seu poema “Eva nos trás” diz:

[...]  
Por um estranho efeito  
de causa e consequência, o sabor da maçã  
obrigou Eva a cobrir a sua nudez





---

com **folhas e flores**, que passaram  
a ser uma metáfora do corpo  
que escondem.  
Então, o pecado tornou-se uma simples  
figura de retórica, e o sexo um exercício  
de interpretação  
(JÚDICE, **grifo nosso**, 2008, p. 42).

A menção às folhas e as flores como essa referência àquilo que é necessário esconder transforma-se em Colasanti naquilo que é preciso experimentar. À mulher contemporânea, não interessa mais se esconder ou se reprimir, antes disso cabe a ela a autonomia de falar por si e revelar seus desejos por tanto tempo contidos. Colasanti, por exemplo, deixa claro em seu texto que a submissão foi vencida ao usar de intertextualidade com a tradição no início do poema, incitando-nos a lembrar dessa trajetória percorrida pela mulher, e terminá-lo evidenciando a possibilidade de se assumir enquanto sujeito.

É perceptível, a alusão ao texto bíblico de *Cantares de Salomão* logo no início do poema, não só em relação ao termo “meu amado” quando dá voz à fala do homem que a ama, assim como na *Bíblia*, como também ao imprimir na “macieira” a imagem da paixão.

O meu amado é para mim um ramalhete de mirra; morará entre s meus seios. [...] Como cachos de Chipre nas vinhas de Engendi é para mim meu amado. [...] Qual a macieira entre as arvores do bosque tal é meu amado entre os filhos: desejo muito a sua sombra, e debaixo dela me assento; e o seu fruto é doce ao meu paladar (ALMEIDA, 1993, p.820).

No poema, há, portanto, um discurso do homem, suas impressões e desejos, transmitidos pela voz da mulher em uma crítica à tradição. Como se pode perceber nos primeiros versos:





---

Meu amado me diz  
que sou como maçã  
cortada ao meio.  
[...]  
(COLASANTI, 1993, p. 6).

A autora utiliza, na construção dos versos acima, um jogo discursivo ao expor a mulher a partir de uma percepção comparativa do seu homem. Nos capítulos iniciais de *Cantares de Salomão* curiosamente encontramos também a mulher a falar pelo amado. Essa comparação, no entanto, ocorre em relação ao homem, em contraste aos versos de Colasanti:

O meu amado é semelhante ao gamo, ou a filho do veado: eis que está detrás da nossa parede, olhando pelas janelas, reluzindo pelas grades. [...] O meu amado fala e me diz: Levanta-te, amiga minha, formosa minha, e vem (ALMEIDA, 1993, p. 821).

Esse poder instituído à mulher de falar pelo amado pode ser compreendido como uma herança do próprio episódio no jardim, já que a decisão foi tomada por Eva. Ela conheceu o mundo primeiro.

O amado a compara com uma maçã, tem-se aí a menção, agora explícita à fruta proibida, não mais abrangente, mas aquela institucionalizada e compreendida pela sociedade. Ao compará-la com a maçã, o eu lírico a divide no meio, representando assim, a dualidade da alma feminina: de um lado a esposa, a possível futura mãe, detentora das sementes, símbolo da procriação, que possibilitará a continuidade da família, capaz de ruborizar-se de vergonha; do outro, a mulher, o fruto da árvore proibida, possuidora do entendimento mundano e de si mesma, daquilo que lhe dá prazer.







---

[...]  
As sementes eu tenho  
é bem verdade.  
E a simetria das curvas.  
Tive um certo rubor  
na pele lisa  
que não sei  
se ainda tenho.  
[...]  
(COLASANTI, 1993, p. 6).

É importante notar ainda que não se trata de um poema estático. Há na escrita de Colasanti constante alusão à passagem do tempo, pela utilização de símbolos cíclicos tais quais: a menção do mês de abril, o rubor perdido, as sementes, por exemplo.

Percebe-se também que ao tratar do florescimento da macieira, ou seja, da prontidão da mulher para o prazer, é utilizada a conjunção “mas” que denota a ideia de algo possível ou não.

[...]  
Mas se em abril floresce  
a macieira  
eu maçã feita  
e pra lá de madura  
ainda me desdobro  
em brancas flores  
cada vez que sua faca  
me traspassa  
(COLASANTI, 1993, p.6).

Outra importante expoente na autoria feminina é Ana Paula Tavares, historiadora e poetisa angolana que em sua obra inaugural *Ritos de passagem* desvela enigmas da alma feminina ao enfocar aspectos relativos aos desejos reprimidos, a partir de uma proposta de construção erótica.

Tavares explicita no título do poema *A manga* a vontade de definir a fruta proibida do seu universo criativo como algo específico. Uma fruta de





cor tão vibrante e succulenta como a própria maçã, mas quente, proveniente dos trópicos.

Neste sentido, Secco diz que a obra da autora angolana:

[...] ainda guarda a utopia das transformações sociais que as lutas pela Independência provocaram nas mentalidades do país, as descobertas do Amor e do prazer da mulher que queria sentir os cheiros e sabores do sexo e dos frutos da terra, a rebeldia feminina de transgredir as tradições e a linguagem (SECCO, 2003, p.180).

A referência ao texto bíblico, porém, aparece já no primeiro verso. Entretanto, além da religião cristã, o eu lírico trata de situá-la também como importante elemento da mitologia, que, nas mãos da deusa Éris, é compreendida como o símbolo da discórdia. O fruto aqui então, ganha o caráter de representação do mal em dois importantes contextos sociais.

Fruta do paraíso  
companheira dos deuses  
as mãos  
tiram-lhe a pele                 dúctil  
como, se, de mantos             se tratasse  
(TAVARES, 1985, p. 32).

O texto em si descreve a retirada da pele da fruta, não de um modo natural, mas pelas mãos de um coletivo. É novamente o interior da mulher que é desnudado como em Colasanti, interior este que deixa a mostra o que há de mais íntimo na alma feminina: a bifurcação da figura. Dócil e manso, como é descrito seu íntimo e ao mesmo tempo segura, dona de si e conhecedora de seus desejos, ao deixar propositalmente o cheiro para ser encontrada.





Ao falar da “carne chegadinha” Tavares faz alusão à Carta de Caminha com suas “vergonhas saradinhas”. Trata-se de uma lembrança de outro paraíso, aqui compreendido como o lugar ainda não corrompido pela aparente instituição de valores sociais. É o Brasil antes da chegada dos portugueses e a antropofagia cultural. É a chegada da maçã em detrimento a manga.

surge a carne chegadinha  
                                    fio a fio  
ao coração:  
    leve  
    morno  
    mastigável  
o cheiro permanece  
para que a encontrem  
    os meninos  
    pelo faro  
(TAVARES, 1985, p. 32).

A autora retoma a dualidade inerente à figura feminina, uma vez que essa se constitui como essência de um sujeito capaz de ser metade adjutora, metade pecadora; metade mãe, metade mulher; metade sensibilidade e metade sedução.

### **Considerações finais**

Os poemas ora analisados de Colasanti e Tavares se inserem numa perspectiva de escrita de autoria feminina na qual a mulher já não deseja apenas discutir sua condição enquanto sujeito, ela compreende sua trajetória histórica e social e busca a partir de agora falar de si, dos seus desejos mais íntimos, da sua sexualidade que por tanto tempo foi sufocada pela condição de submissão e repressão a qual foi submetida.

Há, nas duas composições literárias, a referência a um discurso conservador. Ou seja, elas buscam na religião, seja no cristianismo ou na





---

mitologia, uma interface entre a tradição e o contemporâneo, com o intuito, não apenas de desconstruir verdades instituídas, como também de demarcar um espaço conquistado, território este que se estabelece como propício para o ecoar dessas vozes antes subjugadas.

É perceptível então, que nos dois textos, embora remetam a ideia da fruta como símbolo do pecado, a provocação do mal, simbolizado pela relação da mulher e da fruta no Genesis, não gera desordem ou nostalgia no que se refere ao paraíso que se perdeu. A fruta trouxe a essas mulheres o conhecimento dos seus desejos e a segurança de quem, sabendo-se parte de dois mundos optam pelos prazeres mundanos em detrimento ao espiritual.

### Referências

- ALMEIDA, João Ferreira de. Trad. **A Bíblia Sagrada**. 2º ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Brasileira. 1993.
- BONNICCI, T; Zolin, L.O. (org.) **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 2º ed. Maringá: Éduem, 2005.
- CARR, David M. **The erotic world. Sexuality, Spirituality and the Bible**. Oxford: Oxford University Press. 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras. 2002.
- COLASANTI, Marina. **Rota de colisão**. Rio de Janeiro: Rocco. 1993.
- JÚDICE, Nuno. **A matéria do poema**. Lisboa: Dom Quixote. 2008.
- PEREIRA, Paulo Alexandre. All about Eve: da presença de Eva em alguma poesia portuguesa contemporânea. IN: **Teografias 2**. Aveiro: Universidade de Aveiro. 2012. p. 7-19
- SECCO, Carmen Lucia Tindó. **A Magia das Letras Africanas: ensaios escolhidos sobre as literaturas de Angola e Moçambique e alguns outros**





---

**diálogos.** Rio de Janeiro: ABE Graph Editora/ Barroso Produções Editoriais. 2003.

TAVARES, Ana Paula. **Ritos de Passagem.** Luanda: União dos Escritores Angolanos. 1985.

